

Transferência de Embrião Equino - Relato de Caso

Amarildo Dubiella¹, Flávia Castro², Hellen Braga³, Mariana Scherer Ruoso⁴, Liédge Camila Simioni⁵

Palavras-chave: Biotecnologias. Fêmeas. Reprodução.

Introdução

A criação de equinos aumentou nos últimos anos e, com isso, os criadores passaram a investir na obtenção de melhores produtos. Por este motivo, a transferência de embrião (TE) ganhou espaço nas propriedades fazendo o melhor aproveitamento dos animais e obtendo mais de um potro por ano de éguas de alto valor genético. Esta é uma biotécnica de grande importância para a indústria equina, pois a versatilidade desta espécie é responsável pelo crescimento da equideocultura mundial. O desenvolvimento do setor se dá pelo ganho na eficiência reprodutiva e no incremento do melhoramento genético, favorecendo o aprimoramento das raças e seus cruzamentos (Lira et al., 2009).

Baseada no princípio da multiplicação da progênie de fêmeas consideradas superiores dentro de um rebanho, é possível utilizar éguas em atividade esportiva, fêmeas idosas, potras de dois anos e éguas subférteis para a retirada de embriões que serão transferidos para fêmeas receptoras, que tem como função a gestação, sem passar características para o potro (Lira et al, 2009).

Relato de Caso

Durante a rotina reprodutiva do Hospital Veterinário - UTP uma doadora de embrião da raça Mangalarga Marchador apresentou como parâmetros reprodutivos: edema uterino (grau III) e folículo pré-ovulatório de 37 mm. Após estas observações foi coletado o sêmen do Jumento Pêga através da vagina artificial, o sêmen foi avaliado no microscópio e verificou-se: motilidade 90% e vigor 3. O volume total do ejaculado foi diluído com extensores para melhorar a viabilidade espermática (Botu Sêmen®). A inseminação foi feita via vaginal, introduzindo a pipeta na cérvix e o sêmen foi depositado no corpo do útero. Logo após o término da IA a doadora foi induzida com 2.500 UI de HCG (Gonadotrofina Coriônica Humana) para promover a ovulação. Após 48 horas foi confirmada a ovulação sendo o dia zero (D0) e avaliados qualidade de útero e ovários, confirmando a presença do corpo lúteo. No oitavo dia após a ovulação da doadora foi realizado o exame ultrassonográfico na doadora e na receptora, concluindo que as duas apresentavam o útero tenso com a cérvix fechada e presença de corpo lúteo nos ovários. Sendo assim a doadora foi submetida a lavagem uterina utilizando Ringer com lactato aquecido para a colheita do embrião. O embrião recuperado no lavado

1 Residência em Medicina Veterinária – UTP

2 Médica Veterinária - PR

3 Curso de Medicina Veterinária – UTP

4 Residência em Medicina Veterinária – UTP

5 Professora Orientadora - UTP

estava na fase de Blastocisto Inicial, e foi manipulado no laboratório com extensores (Botu Embrio®) para a sua hidratação, e inovulado na receptora. O diagnóstico de gestação foi realizado 21 dias após à transferência do embrião, através da ultrassonografia com uma probe linear via retal.

Resultados

A Técnica de Transferência de Embrião aplicada teve resultado positivo, confirmado através de exame ultrassonográfico. No presente momento a receptora apresenta-se gestante com aproximadamente 5 meses de gestação.

Discussão

Conforme Mckinnon e Squires (2007) a seleção de receptoras é tida como um dos fatores mais importantes para o sucesso da TE, destacando a capacidade do útero de conduzir a gestação a termo. Todos estes parâmetros foram avaliados na receptora escolhida para receber o embrião, levando em conta as inúmeras gestações que a receptora levou a termo. De acordo com McKinnon e Squires (2007) o oitavo dia após a inseminação é ideal para a coleta do embrião, no relato descrito acima o embrião foi coletado no dia 8, e classificado como blastocisto inicial. Para o sucesso da recuperação embrionária as condições uterinas e a idade do animal tem grande influência (Alonso *et al*, 2005), neste relato descrito acima não houve falha na recuperação embrionária. O exame ultrassonográfico foi fundamental para detectar a ovulação da doadora e avaliar o edema do útero ou excesso da resposta inflamatória (fluido uterino) após a IA, protocolo também descrito por Riera (2009).

Conclusão

Os resultados permitem concluir que a avaliação ultrassonográfica do útero e ovários, a sincronia entre a doadora e a receptora, associado ao uso de diluentes, manejo correto dos animais e nutrição adequada são fundamentais para o sucesso da técnica.

Referências

- ALONSO, M. A.; FLEURY, P. D. C.; NEVES NETO, J. R.; MACHADO, M. S. Efeito da idade da égua doadora na taxa de perda embrionária. *Acta Scientiae Veterinariae*, v.33 (Supl 1), p.204, 2005.
- LIRA, R. A.; PEIXOTO, G. C. X.; SILVA, A. R. Transferência de Embrião em Equinos: revisão. *Acta Veterinaria Brasilica*, v. 3, n. 4, p. 132- 140, 2009.
- McKINNON A.O.; SQUIRES E.L. Embryo transfer and related technologies. In: RUDOLPH, P.; GOWER, J. (Ed.). *Current therapy in equine reproduction*. Missouri: Saunders Elsevier, 2007. p.319-334.
- RIERA, F. L. Equine embryo transfer. In: SAMPER, J. C. *Equine breeding management and artificial insemination*, Philadelphia: Saunders Elsevier, 2009. p.185-199.